

A razão da existência negra em pauta

Ignácio A. Paim Filho,¹ Porto Alegre

Augusto M. Paim,² Porto Alegre

Resumo: Por meio de uma revisão dos conceitos-chaves da obra freudiana, os autores propõem pensar a dinâmica do racismo como ideologia de poder e suas múltiplas facetas presentes em nossa cultura, do passado escravocrata até o presente. Perpassando a obra do autor Achille Mbembe, tentam sustentar a tese de que o racismo faz uso de manobras conscientes e inconscientes – orientadas pelo princípio de uma servidão irrestrita – para seguir mantendo seu lugar hegemônico ao longo do processo civilizatório. Ao assumir esse roteiro como indicador, concebem o modelo da melancolia proposto por Freud, enquanto uma neurose narcísica, para fundamentar o postulado hipotético que faz desta um dos fatores dominantes na arquitetura psíquica do povo branco, e sua conseqüente projeção sobre a alma do povo negro, tornando-se, assim, um sintoma normatizado na sociedade brancocêntrica.

Palavras-chave: racismo, ideologia, melancolia, renegação e forclusão

1 Membro titular, com função didática, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

2 Membro associado do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA). Mestrando do Programa de pós-graduação em psicanálise: clínica e cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O senhor começa com a relação entre o direito e poder. Esse é, sem dúvida, o ponto de partida correto para a nossa investigação. Posso substituir a palavra “poder” por aquela mais dura e mais forte que é “violência”?
(Freud, 1933, p. 419).

Aparentemente todo nome carrega uma sina, uma condição relativamente genérica. “Negro” é, portanto, o nome que me foi dado por alguém. Não o escolhi originalmente. Herdo esse nome por conta da posição que ocupo no espaço do mundo. Quem está marcado com o nome “Negro” não se engana quanto a essa providência externa.
(Mbembe, 2018, 264)

Essa narrativa nasce do estímulo produzido pelas inquietações freudianas presente no trabalho o “Por que da guerra?” (Freud, 1932/2010b) – a destrutividade do outro: poder/violência/direito – *substituir a palavra “poder” por aquela mais dura e mais forte que é “violência”*. Intensidade e dureza compatível com denúncia a ser feita quando nos deparamos com a destrutividade insana do humano na natureza e na cultura; e ainda pelas de Achille Mbembe presentes no livro *a Crítica da Razão Negra* (2018) – a destrutividade de um povo: poder/violência/ausência do direito – *Quem está marcado com o nome “Negro” não se engana quanto a essa providência externa*. Providência que constrói a imagem ocidental do negro – uma identidade distópica – pelo estrangeiro europeu, de acordo com seus interesses de colonizador, com suas nefastas ambições de dominar continentes e subjugar corpos e almas. Nesse sentido, pretendemos estruturar nosso pensar visando propor ideias, como um convite à interlocução, que deem algum contorno, em termos psicanalíticos, ao enigmático interrogante: Por que o racismo?

Racismo que se faz presente de maneira ampla e irrestrita em todos os segmentos que compõem a organização cultural, em termos econômicos,

políticos e sociais, com suas replicações na concepção de nossas subjetividades individuais e coletivas. Diante dessa constatação, trabalharemos guiados pela proposição de que o racismo, acima de tudo, é um mecanismo de poder, de uma violência sem fronteiras, executada pelo povo branco. Aquele que tem poder de racializar o outro, fazer dele um subalterno – corpos de exploração – dentro de uma configuração hierárquica que visa um acúmulo de capital, dos mesmos para os mesmos. Nesse sentido, Silvio Almeida declara: “Ser branco é atribuir identidade racial aos outros e não ter uma. É uma raça que não tem raça” (2020, p. 78). Seguindo este pensamento, perversamente paradoxal, podemos dizer que esse postulado sustenta a visão narcísica da branquitude, impulsionada pela deflexão do masoquismo narcotizante (Paim Filho e Terra Machado, 2021) de suas origens: o que sofre passivamente reedita ativamente. Visão que faz do branco padrão de universalidade para a humanidade e do negro um desvio, tornando-o um sub-humano, buscando reduzi-lo a uma condição de animalidade, primitivo/selvagem, violento, ameaçador, limitado na esfera cognitiva, hipersexualizado. Tais condições são necessárias para a manutenção da lógica que visa fazer do homem branco, heterossexual e europeu, o padrão universal – uma das possíveis razões para a existência negra – que autoriza aos “senhores” (sociedade patriarcal branca) que controlam os meios de produção objetivos e simbólicos, a utilizarem-se dos corpos negros como abjetos, explorando-os em todos os sentidos e, quando não mais necessários, descartá-los: “Enfim, a raça é uma das matérias-primas com as quais se fabrica a diferença e o *excedente*, isto é, uma espécie de vida que pode ser desperdiçada ou dispensada sem reservas” (Mbembe, 2018, p. 73).

A massa de trabalhadores – lugar que nos é reservado no mundo – aqueles que têm os mais degradantes empregos, os mais degradantes ganhos, as mais degradantes moradias, as mais degradantes condições de acesso à saúde e à educação... composta na grande maioria pelo povo negro, sobreviventes e descendentes da diáspora africana forçada: herdamos esse nome por conta da posição que ocupamos no espaço do mundo. Assim, sustentarão a estrutura do capitalismo do centro ao periférico, que

visa manter inalterados os privilégios das classes dominantes, em uma lógica brancocêntrica.

Todo esse contexto evoca a refletir o racismo como um processo ideológico, orquestrado pelo Estado e suas instituições, em prol do sistema capitalista, com seus prolongamentos no neoliberalismo, que tem sua origem e destino viabilizado pelos princípios colonial/imperialistas, racistas e escravocratas, com sua superexploração do trabalho, com suas diferentes roupagens – do século 15 ao 21: “A raça é ao mesmo tempo ideologia e tecnologia de governo” (Mbembe, 2018, p. 75). Nesse sentido, façamos um breve parêntese, recordemos que no século 14, a Europa será marcada pela trágica “Trilogia Negra” (fome – peste – guerras), fatores que influenciam o desmantelamento do sistema feudal – revolta dos camponeses (1358) – e marcam os fundamentos de uma nova ordem social/econômica: a ideologia da burguesia. Acredito que a lógica decorrente da “Trilogia Negra” – o que sofreram em si – será implantada pelos europeus nos países colonizados, dos servos brancos aos escravizados negros. Em exercício especulativo, aventamos a possibilidade de que a pré-história do nome/adjetivo Negro, criação do homem branco europeu, está associado ao infortúnio que marcou seus corpos e almas – manchas pretas no corpo das vítimas da peste bubônica – agora reeditado nos corpos e almas negras: o negro como símbolo de degradação do humano. Não esqueçamos que, para Freud, a pré-história pessoal de cada um remete a “uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal” (1923/2011a, p. 39), o que poderia ser homólogo a marcar que, no que tange às origens de nossos ideais, o adjetivo Negro é um dos mais antigos registros identificatórios na civilização.

Retomando a relação racismo/poder, como uma *Weltanschauung* não científica, tomamos como referência a compreensão proposta por Chauí: “ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política” (2004, p. 8). Escutemos a expressão *ideário histórico que oculta a realidade*, que remete pensar em uma criação coletiva – *trabalho de fabulação* (Mbembe,

2018, p. 31) – destinada a negatar algo em si: a fragilidade que a realidade do complexo de castração revela? Sabemos que uma das maiores *ocultações da realidade* dos supostos países democráticos é o racismo, que se encontra no cerne das estruturas do Estado de direito, no Brasil eternizado no mito, que oculta e revela, da democracia racial com sua inerente relação com a meritocracia. Tais mitos estão conectados com o epicentro da concepção de humanidade, forjada pela branquitude, que tem no ideário do *negro e da raça* os constituintes fundantes de sua ideia delirante de supremacia. Nessa acepção, defrontamo-nos com a seguinte afirmação de Mbembe: “Ambos representam figuras gêmeas do delírio que a modernidade produziu” (2018, p. 12). Delírio – uma verdade que, compartilhada por um ou alguns, é signo de insanidade; porém, quando compartilhada de forma ampla – universal – pelas massas, adquire o status de verdade absoluta – padrão de normalidade.

Pensando em ideologia, recorremos novamente a Silvio Almeida que, em seu livro *Racismo Estrutural* afirma: “o racismo como ideologia molda o inconsciente” (Almeida, 2020, p. 64), como também a Mbembe que alerta: “É necessário, portanto, considerar a raça como algo que se situa tanto aquém quanto além do ser. É uma operação do imaginário, o lugar de contato com a parte sombria e as regiões obscuras do inconsciente” (2018, p. 70).

Essas afirmações serão nossos guias no decorrer das ideias que seguem, visando sua exploração sob a ótica da psicanálise, objetivando elaborar elementos para sustentar a razão negra, enquanto substrato de uma economia psíquica voltada para o sequestro das reservas libidinais do povo negro. Agrego a esta ideia o pensar de Kaës: “O eixo de meu trabalho sobre a ideologia é que ela é seguramente uma concepção-representação do mundo ou de uma parte do mundo, uma *Weltanschauung*, como indica Freud em seu artigo de 1932” (Kaës, 2016, p. 210). Por esse caminho encontramos em Freud a seguinte compreensão, sobre essa concepção de mundo: “é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante” (Freud, 1933 [1932]/1969, p. 193).

As referidas proposições conduzem-nos a pensar a relação entre o inconsciente recalcado e o não recalcado. O primeiro, como território do desejo atravessado pelo temor do complexo de castração, que aciona o interdito e estabelece a capacidade de renúncia, em nome do sujeito e da coletividade que, por sua vez, compõe a organização social, mediado pela consciência moral e os ideais do supereu, com suas possibilidades de tecer uma perspectiva ética para o sujeito. E o inconsciente não recalcado, território associado ao Eu inconsciente, enquanto substantivo que, diante da realidade da castração, estabelece como mecanismo fundante a renegação e/ou a forclusão, presença de um supereu governado pelos ditames das idealizações, oriundas do mundo externo, que busca manter a hegemonia narcísica, cindindo a humanidade entre os que importam (brancos) e os que não importam (negros). Meio pelo qual mantém operando livremente seus desejos narcísicos de plenitude, em detrimento de uma ordem social calcada no reconhecimento da alteridade.

Especulando sobre a formatação desses dois grandes universos que nos constituem, acredito que o racismo, enquanto elemento também estruturante da psique, se aloja de forma contundente no inconsciente renegado, como também no forcluído. Tal origem, com seus respectivos destinos, determina sua implicação na organização da humanidade, que buscará, de maneira coletiva, pelos que detêm o poder/violência, discriminar entre os eleitos para compartilhar os privilégios que o mundo narcísico pode propiciar; e os eleitos para compartilhar o padecimento de viver à margem de narciso, como seres que carregam a marca de uma castração não simbólica no próprio corpo, com o dever – servidão involuntária – de ocupar o lugar de sustentar o delírio fálico – *ideário histórico* – que estrutura o jeito de ser e de estar no mundo do povo branco. Seguindo essa rota, encontramos em Mbembe:

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor “o estatuto de uma ficção de cariz biológico”, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma mesma figura: a da *loucura codificada*. (Mbembe, 2018, p. 13)

A expressão *loucura codificada* induz-nos a seguir associando com algo sistematizado pela cultura e, portanto, “normalizado”, caminhando no sentido de um delírio coletivo – *uma concepção-representação do mundo* – alicerçado em alianças narcísicas: falência da capacidade crítica, presença massiva de *ficções de cariz biológico* – aparência que visa apagar a essência dos sujeitos racializados – teu corpo, tua cor, tua pele: o teu destino. Freud discorrendo sobre as peculiaridades do delírio, em 1930, indo além do individual, adverte quando da sua presença em coletivos:

O caso que pode reivindicar uma importância especial é o de que um número maior de pessoas empreenda conjuntamente a tentativa de criar para si garantia de felicidade e uma proteção contra o sofrimento através de uma reconfiguração delirante da realidade. ... o delírio jamais é reconhecido por aquele que ainda o está compartilhando. (Freud, 1930/2020, p. 328)

A produção ideológica da raça e do negro – *uma hipótese superior dominante* – determinam uma vivência traumática coletiva para os afro-descendentes, ao romperem com o princípio freudiano que faz do corpo, o melhor representante do escudo protetor contra o excesso de estímulos oriundo do mundo externo. Os corpos negros ficam impedidos de exercer sua função de escudo e se tornam alvos. Esse contexto cria uma via facilitada para o acontecer das neuroses traumáticas, advindas das constantes excitações tanáticas do racismo sobre os corpos negros: “Chamemos de traumáticas as excitações externas que possuam força suficiente para romper com o escudo protetor” (Freud, 1920/1996a, p. 153). Diante dessa proposição, é importante sinalizar a existência de três situações relacionadas com o destino da vivência traumática, vinculadas com a angústia, o temor e o terror. Para Freud, a angústia e o temor, enquanto sinais de alarme, são condições que criam vias facilitadoras para descarregar o excesso do trauma, que, portanto, protegem o psiquismo de vir a desenvolver uma neurose traumática. Quanto ao terror, este está vinculado ao elemento surpresa, quando se depara com o trauma, sem condições de descarga. Entretanto, não podemos esquecer que o estado de prontidão está

diretamente relacionado às reservas libidinais do Eu. Reservas que sabemos são constantemente sequestradas pela branquitude. Aqui novamente nos encontramos com a letalidade do racismo e sua função na perpetuação do estado melancólico impetrado à alma do povo negro. Na contramão desse contexto, temos o trabalho da negritude, no sentido do resgate de suas reservas libidinais.

Compreendemos que, na relação destes dois territórios, a força tânica do renegado/foraclusido tem uma peculiar aptidão para se fazer mais proeminente, na construção do racismo como ideologia – *loucura codificada* – à medida que está comprometida com a manutenção de uma única visão de mundo – a eurocêntrica. Aqui nos conectamos com Freud, quando diz que a percepção e o pensamento ficam fora de ação, diante do caráter contagioso/pernicioso da sugestão, sedução e do fascínio sem gestão no coletivo da humanidade: “uma convicção que não se baseia nem na percepção, nem no trabalho do pensamento, mas na ligação erótica” (Freud, 1921, p. 206). Essa ligação erótica, impregnada da letalidade da pulsão de destruição, conjuntamente com seus ataques ao trabalho da percepção e do pensamento – enquanto o reconhecimento das semelhanças e das diferenças desvinculadas de uma hierarquia de valores – são alguns dos elementos que fornecem sustentação ao *pacto narcísico da branquitude* (Bento, 2022): convicção da supremacia branca.

Essas postulações conduzem ao texto freudiano “Neurose e psicose” (1924) que abriga o conceito de “psiconeuroses narcísicas” (Freud, 1924/2016, p. 275), decorrentes de um conflito entre o Eu e o supereu. Compreendemos esta psiconeurose como uma psicose funcional e, seguindo o rastro do pensar freudiano, deparamo-nos com a relação intrínseca que esta mantém com a melancolia que, diante das monumentais exigências do supereu, obriga o Eu a sucumbir na desvalia. Assim sendo, aventamos a possibilidade de que, no quadro “delirante” do racismo, confrontemo-nos com um conflito similar, como a saída do quadro melancólico no qual o povo branco se vê comprimido, pelas demandas de uma cultura impregnada de idealizações. Nesse sentido, concordamos com Freud, quando busca especificar os poderes do supereu, na interação entre o sujeito e as massas:

O passado, a tradição da raça e do povo vive nas ideologias do supereu e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e enquanto opera através do supereu, desempenha um poderoso papel na vida do homem... (Freud, 1933 [1932]/1969, p. 87)

Como processo coletivo, o povo branco, diante da insuportável dor de ficar aquém dessas demandas – idealizações – do supereu, provoca uma fratura no Eu. Visando sobreviver a tal fratura, impingida pela realidade da castração, vai determinar a criação de um objeto fetiche – corpos negros – balizado pelas *ideologias do supereu, alicerçados na tradição da sua raça*. A referida ideologia, orientada pelo destino pulsional narcísico da *transformação no contrário*, em relação à inversão do conteúdo (amor em ódio), e da inversão da passividade em atividade (masoquismo em sadismo), e sua consequente projeção, é um dos elementos que viabilizam a criação e exteriorizam sobre o povo negro as fragilidades brancas. Fragilidades que, assinalamos, fazem parte da constituição de nossa humanidade. Nesse sentido, o povo branco, na busca de destituir-se desse fator fundante também, paradoxalmente, se desumaniza. Mbembe ao referir-se à ferida deixada na psique do negro, pela ação do branco, recorre a James Baldwin, que se questiona, fazendo uma comparação: “compara essa ferida a um veneno, sobre o qual convém se perguntar o que provoca na pessoa que o fabrica e o destila, e na pessoa a quem é sistematicamente ministrado” (Mbembe, 2018, p. 81).

Portanto, o conflito entre as instâncias eu e supereu, típico das neuroses narcísicas, encontra uma espécie de resolução, na medida em que os ataques marcados pela desvalia – formações delirantes – sobre o Eu, ganha um destinatário sobre os afrodescendentes: “o delírio se apresenta como um remendo colocado onde originalmente havia surgido uma fissura na relação do Eu com o mundo exterior” (Freud, 1924/2016, p. 273). Ao depositar sua melancolia estrutural sobre esse semelhante, não reconhecido como tal, encontra refúgio numa espécie de fuga maníaca: eu pleno, tu castrado... Tentativa de sair da sombra do objeto e passar a assombrar aqueles que transformo em um outro: imagem que reflete o mau/o mortífero em

mim. Com esse cenário em mente, recordamos a anedota³ relatada por Freud, no texto “O eu e o id” (1923/2011a), quando explanava sobre as identificações e o poder transferencial, em seu vínculo com as *neuroses de vingança – ser dirigida contra pessoas erradas* (Freud, 1923/2011a, p. 54): havia três alfaiates e apenas um ferreiro em um povoado. Um crime foi cometido, o castigo era necessário. Este crime tinha que ser punido com o enforcamento. Quem o cometeu foi o ferreiro. Como o povoado não podia prescindir do ferreiro, um dos alfaiates deveria receber a punição, mesmo não sendo o verdadeiro assassino – via facilitada para *destilar o veneno*. Temos aqui a temática do deslocamento, do disfarce e do ocultamento da verdade que, num livre associar nos encaminha para fazermos uma releitura dessa anedota à luz do método presente na racialização do negro, neurose de vingança: o branco, como o ferreiro, se faz único, singular; portanto, seus crimes devem ser expiados pelos negros, como os alfaiates, que são muitos e não singulares. Em termos do processo psíquico, poderíamos dizer que diante das exigências tirânicas do supereu, seus imperativos categóricos, o Eu branco assassino oferece para sacrifício – via identificação – para o supereu o Eu negro, dizendo: “você pode odiá-lo, ele é semelhante a mim”. Nesse mesmo sentido, Freud em 1930, reafirma a disposição do Eu em oferecer um outro indivíduo para receber os ataques do supereu: “como “consciência moral”, exerce contra o Eu essa mesma disponibilidade rigorosa para a agressão que o Eu teria, com prazer saciado em outros indivíduos desconhecidos a ele” (Freud, 1930/2020, p. 377).

Destacamos Mbembe, quando sublinha que este sacrifício, moldado por aqueles que criaram a concepção de raça, não necessita de justificativa, principalmente quando executados sobre aqueles outros, considerados *indivíduos desconhecidos* – “Pode-se, pois, comparar o trabalho da raça a um ritual de sacrifício – aquela espécie de ato pelo qual não se obriga a responder” (Mbembe, 2018, p. 74)

Diante desse contexto, destacamos a elucidação de Freud sobre a projeção, quando diz que ninguém, em especial o perseguidor, projeta no

3 Encontramos uma analogia semelhante no trabalho “A branquitude que nos habita” (J. Lima e R. Degani, 2021).

vazio e que, além do conteúdo – aquilo que não quer saber em si – vai em busca das semelhanças que seu inconsciente, marcado por uma ferida narcísica que nunca cicatriza, lhe indica: “mas não projetam, digamos no vazio, lá onde não há semelhanças, mas se deixam orientar por seus conhecimentos do inconsciente e deslocam sobre o inconsciente dos outros a atenção que retiram de seu próprio inconsciente” (Freud, 1922, p. 196).

A dinâmica racista exemplifica esse processo de forma lapidar – *deslocar sobre o inconsciente do outro a sua atenção* – ao criar o negro e a raça foi possível algo inédito na história da humanidade: ter um outro humano – *lá onde há semelhanças* – e encontrar nesse, o meio pelo qual pode hiperdimensionar as diferenças, tomando por indicador o marcador fenotípico. Marcador associado a atributos que visam fomentar e instrumentalizar a projeção do sentimento de inferioridade do colonizador sobre os colonizados, visando salvaguardar suas frágeis defesas narcísicas, dando guarida às suas perversidades, às *loucuras dos seres humanos*. Em consonância com essa rota, Freud assinala: “Assim as inconseqüências, as excentricidades e as loucuras dos seres humanos apareceriam sob a luz semelhante às de suas perversões sexuais, através de cuja aceitação, eles estariam se poupando de recalcamientos” (Freud, 1924/2016, p. 276).

Nesse processo de *poupar-se do recalcamiento*, cria condições para o aflorar da renegação e da forclusão, com suas potencialidades de exacerbar defesas perversas e fenômenos especulares: o outro, o negro, como espelho.

Dando seguimento aos questionamentos sobre as origens da imagem negra dentro do imaginário branco, Roland Barthes (citado por Ferraz, 2019) formaliza a união de uma ideologia particular a uma imagem coletiva, que resulta no que entendemos por mito; em outras palavras, ao interpretarmos fenômenos por nossas próprias categorias, estamos criando uma mitologia sobre o fato. Esse é o campo da fantasia, do imaginário e/ou ainda dos pré-conceitos: imagens fixadas em significações que pouco condizem com seu objeto propriamente dito. Freud mesmo já havia destacado algo semelhante, quando separa em duas classes os tipos de escolhas objetais: a do tipo narcísica e a do tipo “de apoio” (1915, p. 36); a esta segunda, ainda faz referir como a propriamente dita, uma vez que não considera escolhas

narcísicas de objeto um modo efetivo de relação. Lembremos: os primeiros momentos da formação psíquica não dão suporte ao aparelho por muito tempo e, deste modo, recalque e narcisismo primário ocupam um lugar *essencialmente* de passagem. Este último, em especial, apenas pode oferecer uma relação especular com o outro, ou seja, com uma imagem deste; frágil adaptação de um eu “ainda em formação” (Freud, 1923/2011b, p. 58), em dar conta de um outro que se apresenta em sua totalidade.

Essa compreensão da dialética do narcisismo se torna chave de leitura fundamental no que diz respeito às origens do pré-concebido no aparelho psíquico. Isso nada tem que ver com a filogênese, ou a uma referência a teorias pseudocientíficas do começo do século 20, a respeito de uma condição naturalmente inferior do homem negro tributária de um inatismo; pelo contrário, esse par conceitual – narcisismo primário e secundário – muito antes seria a causa dessas hipóteses, pois nos apresentam que a realidade do racismo é a realidade do infantil, do pueril no branco, que se revestiu de discurso religioso em sua primeira aparição (período colonial), passou a um discurso científico (período renascentista) e, na contemporaneidade, habita o discurso ideológico dominante (período pós-moderno). Transformações essas que apenas respaldam a tese freudiana (1915) de uma sexualidade ampliada que, desde o inconsciente de um Eu resistente à análise e projetor de seus demônios, reatualiza seus ditames, ajustando-os às narrativas vigentes: “Sua força vem da capacidade de produzir objetos esquizofrênicos, de povoar e repovoar o mundo com substitutos, seres a designar, a anular, em desesperado apoio à estrutura de um *eu* falho” (Mbembe, 2018, p. 69).

Por conseguinte, a resposta à questão título deste escrito faz-se plural à medida que pode ser abordada por perspectivas históricas, ideológicas, científicas e, quem sabe agora, psicanalíticas. Demonstrando que, apesar de o mito negro de Neusa Souza (1983) constituir-se em um conceito prestes a completar 40 anos, nos parece que o tempo o fez envelhecer bem, saudável e disposto a seguir operando firmemente nas lógicas que atam nosso laço social, impossibilitando ao negro tanto uma própria imagem fundadora do Eu, quanto o espaço de guerra necessário para conquistá-la: “o mito negro se

constitui rompendo uma das figuras características do mito – a identificação – e impondo a marca do insólito, do diferente” (p. 26).

Em consonância com o pensar até aqui construído ousamos propor, como convite à interlocução, que o racismo enquanto produto de um modo de ser e estar no mundo – uma *Weltanschauung* – arquitetada em torno do pensamento animista e religioso da branquitude, gravita em torno de uma neurose narcísica coletiva, que se estrutura tal qual o modelo da melancolia.

¿Por qué racismo? El porqué de la existencia negra en la agenda

Resumen: A través de una revisión de los conceptos clave de la obra de Freud, los autores proponen pensar la dinámica del racismo como ideología de poder y sus múltiples facetas presentes en nuestra cultura, desde el pasado esclavista hasta el presente. Impregnando la obra del autor Achille Mbembe, intentan sustentar la tesis de que el racismo se vale de maniobras conscientes e inconscientes -guiadas por el principio de la servidumbre irrestricta- para seguir manteniendo su lugar hegemónico a lo largo del proceso civilizatorio. Al asumir este guión como indicador, conciben el modelo de melancolía propuesto por Freud, como una neurosis narcisista, para sustentar el postulado hipotético que hace de ésta uno de los factores dominantes en la arquitectura psíquica de los blancos, y su consecuente proyección en el alma de los negros, convirtiéndose así en un síntoma normalizado en la sociedad centrada en los blancos.

Palabras clave: racismo, ideología, melancolía, negación y exclusión

Why racism? The reason for black existence on the agenda

Abstract: Through a review of the key concepts of Freud's work, the authors propose to think about the dynamics of racism, as an ideology of power, and its multiple facets present in our contemporary culture. Using the work of Achille Mbembe, they try to support the thesis that racism makes use of conscious and unconscious maneuvers to keep maintaining its hegemonic

place over the civilizing process; respecting, for this, Freud's model of melancholy and establishing itself as a narcissistic neurosis that becomes dominant in the psychic architecture of non-black people. Becoming, therefore, a normalized symptom in society.

Keywords: racism, ideology, melancholy, renegade and foreclosure

Referências

- Almeida, S. L. (2021). *Racismo estrutural – Sueli Carneiro*. In D. Ribeiro (Coord.), *Femininos plurais*. Jandaíra.
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Chauí, M. (2004). *O que é ideologia?* Brasiliense.
- Ferraz, P. P. (2019). As metalinguagens de Roland Barthes. *Remate de Males*, 39(2), 849-866.
- Freud, S. (1969). A questão de uma Weltanschauung (Conferência 26). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22). Imago (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (1990a). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 83-119). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1990b). Psicologia das massas e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 89-179). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1996a). Além do princípio de prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 11-75). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996b). A dissecação da personalidade psíquica (conferência 31). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (2010a). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010b). Por que a guerra? In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 22). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (2011a). O eu e o id. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16). Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011b). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 15). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)

- Freud, S. (2016). Neurose e psicose. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud* (M. R. S. Moraes, Trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2020). O mal-estar na cultura. Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos de Sigmund Freud. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud* (M. R. S. Moraes, Trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930)
- Kaës, R. (2016). A ideologia é uma posição mental específica: Ela nunca morre (mas se transforma). *Jornal de Psicanálise*, 49(91), 207-224.
- Lima, J. & Degani, R. (2021). A branquitude que nos habita. *Pulsão de morte: a inegável existência do mal*. CEPdePA.
- Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra* (S. Nascimento, Trad.). n-1 edições.

Ignácio A. Paim Filho
ignacio.a.paim@gmail.com

Augusto M. Paim
augusto.m.paim@gmail.com